



RESENHA

ÁSPERO SILÊNCIO é uma amostra poética, certamente a mais antológica dos muitos poemas que o poeta **Carlos Jales** tem publicado em livros, revistas, jornais e suplementos literários, sem falar na farta coletânea de seus poemas inéditos, que ainda maturam, num silêncio inquieto, à espera de publicação.

Eu diria que nesta obra **Carlos Jales** nos traz uma poesia da intemporalidade, de uma dialética de conflitos. Mas se sob o tecido de seu dizer poético está latente um áspero, às vezes lancinante silêncio: *“a poesia escorrega pelas réstias, do tempo a poesia dói”*, também, ao longo de suas páginas, eclode uma infinidade de evocações, pois o autor recria, em seus poemas, o encantamento de um cotidiano e de um mundo de coisas de sua convivência: *“As coisas que existem no mundo são nossos irmãos. A caneta com que escrevo este poema, a cadeira em que sento, a sacola na qual coloco a comida que me mantém vivo, este par de sapatos que sustenta meu fatigado corpo, a pobre vassoura que limpa o mundo e depois repousa, esquecida, e os livros que me cercam, e o raio de lua que adormece meus olhos, compartilham da minha vida?”*.

É por isso que seus críticos literários não resistem à comoção diante de sua poesia tão bela, tão pura, tão autêntica:

- A jornalista e poeta CARMEN VASCONCELOS, ao elencar as poéticas imagens feitas de palavras por Carlos Jales, como: *Os ventos pastorando nuvens os dias irremediáveis o enverdecer dos sonhos, o levantar as pálpebras do tempo; o sabor do néctar das madrugadas...*, reconhece que *“Carlos reconstrói as palavras do correr da vida, filtrando delas o significado de que mais precisamos, o seu sentido que mais nos toca”*;
- **CELSO JAPIASSU**, diante do conteúdo desta obra, fica emocionado com a alta qualidade do *fazer poético* do autor, diante da precisão com que ele mergulha na essência da poesia, desvelando seus sentidos ocultos;
- **HILDEBRANDO BARBOSA FILHO** se deslumbra e encanta com as transparências luminosas que modulam os ângulos essenciais da poesia de **Carlos Jales**, que nos fazem pensar e sentir os desvelamentos da *espessura do silêncio, os círculos*

da paz, as luzes do tempo, o mistério dos mares, os enigmas do amor e os relevos do silêncio;

- **JOÃO BATISTA DE BRITO** vê nos poemas deste livro um retrato de seu autor, pois o **eu poético** da obra, tenso e sofrido na sua perplexidade, em sua indignação e em seu deslumbramento, é, como sua criação poética, igual a si mesmo, expressão profunda de sabedoria, sinceridade, delicadeza, beleza, poesia;

- Para **SÉRGIO DE CASTRO PINTO**, em **ÁSPERO SILÊNCIO**, **Carlos Jales** selecionou poemas orgânicos, viscerais, frutos de uma vivência amadurecida na reflexão e no tratamento da linguagem, mas, sobretudo, retrato de si mesmo, com suas dúvidas, angústias, sentimentos, evocações, lembranças, sonhos, esperanças, alegrias;

- Para **CLÁUDIO JOSÉ LOPES RODRIGUES**, o amigo de convívio no trabalho e no lazer, na academia e na mesa de bar, de tal forma familiarizado com a intelectualidade, o eruditismo e a fina ironia de Carlos, **ÁSPERO SILÊNCIO**, em sua poesia intimista, que aliás, ele muito estimou; no registro sentido, condoído, de tantas vivências, o parecer de **CLÁUDIO** é uma espécie de lamento por esse seu amigo, um pobre poeta sofredor...

Em minha análise crítica, **ÁSPERO SILÊNCIO** se revelou, para mim, uma obra poética de rara beleza, um convite aos leitores para conhecer, apreciar e sentir a poesia autêntica, essencial, uma poética elaborada com perfeição, palavra, ritmo e sentimento na mais harmoniosa proporção, como pode ser constatado na rara beleza que transcende do poema **Retrato de Homem**: *“O homem não cabe no seu peito e nem no seu sonho. Não cabe nem mesmo na sua solidão. Em nenhuma parte do mundo o homem cabe. Porque seus pés têm jeito de raízes, mas seus olhos lembram a cada instante as asas de um pássaro”*.

Do pondo de vista discursivo, a obra desenvolve-se em torno de um expressivo e significativo grupo de **núcleos de referência**, em torno dos quais é construída a tessitura dos poemas, e que correspondem aos grandes temas enunciados no título de cada uma de suas poesias, com predominância significativa do próprio título da obra: **ÁSPERO SILÊNCIO**.

A leitura da obra encontra, em cada poema, os seus próprios referentes. Ao longo das páginas, poesia e metafísica se entrelaçam, mas a coerência filosófica que emana de seus versos é essencialmente poética.

Estamos em contacto com a grande poesia, em sua autenticidade onde, como nas grandes obras, estão presentes dois elementos essenciais: a verdade filosófica e a invenção, ou criação poética. Mas estes dois elementos, em *ÁSPERO SILÊNCIO*, se manifestam dialeticamente. O logos se movimenta entre suas antíteses, para firmar-se numa síntese vital restauradora. Só a construção poética de carácter dialético pode apresentar elementos contraditórios sem que eles se autoeliminem, como se evidencia no poema: *“Agora que não escuto mais as vozes de outrora me mostrando caminhos. Agora que lilases murcham, ao olhar paciente dos jardineiros. Agora que os relâmpagos não iluminam mais minha lucidez, Agora que as tardes dispersas ficam surdas à música dos realejos, Agora que do cio do chão não brotam mais palavras e lágrimas, Agora que as ancas do tempo nos apontam os dias de ira. Agora que os homens se perdem entre rochas e vegetais, um barco clandestino me espera e me leva entre promessas e ventanias, aos arredores de um mar subjugado”*.

A arte poética é um termo que foi cunhado por **Aristóteles**, retomado, muito posteriormente, pelo poeta latino **Horácio**. Ambos invocam, na construção poética, uma arte com componentes estéticos que expressem beleza e harmonia, uma arte que lembre e se aproxime da perfeição. São esses elementos da arte poética que consagraram os autores das maiores expressões poéticas como os grandes clássicos da poesia universal.

Familiarizado com as grandes expressões da poesia de **Homero** a **Virgílio**, de **Virgílio** a **Dante**, de **Dante** a **Camões**, de **Camões** a **Pessoa**, sempre me emociono com a poesia que ostenta elevado nível de qualidade artística. Este livro que me permitiu entrar em contacto com uma poética da mais elevada expressão artística, os leitores têm, agora, oportunidade de conhecer e sentir, na leitura de seus poemas.

A poética de **Carlos Jales** expressa em *ÁSPERO SILÊNCIO*, é um retrato dessa incessante busca da perfeição. Seu verso tem um profundo sentido rítmico, cujo efeito opera uma reconstrução da linguagem poética. Estamos diante de uma poesia que assume um desvelar da beleza em cada situação, pois o poeta possui o segredo de saber fazer a descoberta do imperceptível ao sentir a alma das coisas, e sua poesia, pelo encantamento do mundo, consegue deletar a realidade mesquinha dos *insidiosos dias* de que nos fala o poeta, transformando-se sua poesia em anúncio de grandeza.

Mas eu não quero avançar mais do que isso no campo do universo poético latente em **ÁSPERO SILÊNCIO**, pois as características da arte poética de **Carlos Alberto Jales** podem ser identificadas e conhecidas, e constituir uma descoberta pessoal de cada um de seus leitores: basta entrar em contacto com a pluralidade dos aspectos que fazem de **ÁSPERO SILÊNCIO** uma obra poética de altíssima qualidade.

Os que já conhecem o **Carlos Alberto Jales** como professor, como filósofo, como educador, como antropólogo, como sociólogo, não percam, agora, a oportunidade de fazer a descoberta do **Carlos Alberto Jales** poeta, ou melhor, de conhecer o **EU poético** do autor.

Tenho certeza que em contacto com **ÁSPERO SILÊNCIO**, os leitores vão penetrar num universo de magia, beleza e encantamento; universo cujas portas estão abertas a todos aqueles que são movidos pela busca da autêntica poesia. Vão, pois, ao encontro desse universo. Trata-se de uma joia rara verdadeiramente destinada a privilegiados leitores.

Natal, 17 de agosto de 2012